



M. J. ARLIDGE

Mais de 1 milhão de livros vendidos

VERDADE *OU* CONSEQUÊNCIA

QUER ENTRAR
NESTE JOGO?

«Um livro impossível de pousar.»
Sunday Mirror

TOP
SEL
LER

*Para Jennie, Chloe e Alex,
que partilharam comigo este romance de confinamento.*

DIA UM

1

Ele não se queria mexer, mas sabia que tinha de o fazer. Fora demasiado longe, arriscara demasiado para agora poder recuar. Preparando-se, avançou lentamente, perscrutando o pátio escuro com o olhar. Se houvesse algum movimento, qualquer possibilidade de ser detetado, então viraria costas e fugiria sem pensar duas vezes. Porém, não detetou nada, nenhum sinal de vida, pelo que seguiu em frente. A cabana modular encontrava-se logo diante dele, solitária e isolada na escuridão. Um brilho ténue imiscuía-se por debaixo dos estores, a única indicação de que era habitada. Quem se deparasse por acaso com aquele pátio, poderia facilmente não reparar na anomalia — era o tipo de lugar onde as coisas iam apodrecer e morrer, um depósito de carros abandonados e tralhas domésticas. A curiosidade não era encorajada, os portões de entrada estavam acorrentados e, apesar de ele ter forçado o cadeado com facilidade, estava certo de que até então ninguém o tentara. Não se ia àquele sítio a não ser que fosse mesmo necessário, tal como ninguém partiria do princípio de que, para lá da porta manchada da cabana, repousava uma arca cheia de segredos valiosos.

O terreno estava pejado de tubos de escape enferrujados, caixas vazias e eletrodomésticos. Seria fácil tropeçar em algo às escuras e alertar a sua vítima, pelo que avançou com cautela, abrindo caminho por entre os detritos.

Ao longe, ouviu-se uma sirene. Um pássaro esvoaçou assustado, grasnando ruidosamente, mas ele ignorou-o, implacavelmente concentrado na tarefa em mãos.

Ao chegar à cabana, deteve-se, encostando-se à sua carapaça nojenta e esticando o pescoço para espreitar pela janela. O vidro estava

sujo, revestido de excrementos de pássaro e pó, mas, apesar de ele não conseguir ver o interior, conseguia distinguir um vulto. Com excesso de peso e segurando uma garrafa de *Jack Daniel's* na mão, Declan McManus dormitava esparramado num sofá coçado. McManus parecia estar completamente alheio ao que se passava em seu redor, em paz profunda com o mundo, o que era bastante estranho, tendo em conta o perigo que corria. Por certo não estaria tão descontraído se soubesse que o seu esconderijo fora descoberto, que havia mais *alguém* a par do seu segredo.

Em silêncio, contou até dez, querendo ter a certeza de que McManus dormia, e então avançou silenciosamente até à porta. O interior continuava silencioso. Estendeu a mão enluvada e empurrou a maçaneta para baixo. Sentia o coração aos saltos, a mão a tremer. Este era o momento de maior risco, durante o qual as probabilidades de ser detetado eram mais altas, mas a maçaneta desceu sem dificuldade. Abriu a porta vagarosamente, com cuidado, preparando-se para cruzar a soleira. No entanto, ao fazê-lo, a dobradiça envelhecida começou a ranger, gritando alarmada. Aterrorizado, o intruso ficou petrificado, sem saber ao certo o que fazer. Então, agindo por instinto, abriu completamente a porta de uma só vez. A dobradiça guinchou fugazmente, e o silêncio voltou a imperar. Já lá dentro, lançou um olhar ansioso na direção do homem adormecido, mas McManus nem sequer se mexeu, graças à ajuda da garrafa quase vazia de *bourbon*.

Fechou a porta, silenciando os sons noturnos. Agora, restavam apenas os dois, enclausurados naquele espaço triste, mais desagradável e malcheiroso do que previra. Um cenário adequado para o indivíduo imundo diante dele. Era ali que McManus escondia os seus despojos e tratava dos seus negócios, era para ali que levava jovens raparigas. Arrepiou-se ao pensar no que teria ocorrido entre aquelas quatro paredes, mas não estava ali para lidar com crimes do passado — tinha uma missão a cumprir. Tinha de fazer aquilo que era *necessário*. Aquele homem tinha arruinado muitas vidas, mas talvez depois da noite de hoje não voltasse a fazer mal a ninguém.

Avançando um passo, baixou o olhar para a figura comatosa. Parte de si contava que McManus se erguesse e o agarrasse pelo pescoço

com as suas mãos suadas... No entanto, ele permanecia imóvel, imperturbável e ausente. Nada havia que o travasse, nenhum perigo iminente, nenhuma possibilidade de ser detetado. Era agora.

Era hora de matar.

2

O rosto pálido fitava-a fixamente, tranquilo, mas sem vida. A inspetora-chefe Helen Grace já se deparara com muitos cadáveres na morgue de Jim Grieves, mas este gerava-lhe um aperto na garganta. Era sempre assim quando eram jovens.

A rapariga que repousava parcialmente tapada sob um lençol branco imaculado tinha apenas 16 anos. Eve Sutcliffe, estudante de topo na prestigiada Milton Downs Ladies' Academy, ainda sem conhecer os resultados do certificado geral do ensino secundário. O longo cabelo arruivado enquadrava um rosto bonito ainda marcado pelas hormonas da adolescência que lhe decoravam a bochecha esquerda com um pequeno conjunto de borbulhas. Todavia, a beleza nas suas feições, a serenidade da sua expressão, escondia a brutalidade do seu homicídio.

— Traumatismo por força bruta — rosnou Jim Grieves. — Pela forma e dimensão do ferimento do impacto, diria que falamos de um martelo. Foi recuperada alguma coisa no local do crime?

Dizendo que não com a cabeça, Helen debruçou-se para a frente enquanto Jim Grieves virava o cadáver, revelando uma confusão ensanguentada na parte de trás do crânio. O corpo semidespido da jovem fora descoberto cinco dias antes nos arbustos do Lakeside Country Park. Não se descobrira qualquer arma ou encontrara qualquer testemunha; nem sequer tinham em mente qualquer agressor. Helen esperara que Jim Grieves lhe desse algo com que trabalhar, mas ele fê-la descartar tal ideia imediatamente.

— Lamento, mas não tenho muito para lhe contar. Ela foi atingida oito, talvez nove vezes, com uma força considerável, fraturando-lhe o crânio e provocando uma enorme hemorragia interna. É provável

que, ao fim da segunda pancada, já estivesse inconsciente, mas ainda assim...

— Não há cabelos? Suor? Sangue?

Grievess abanou a cabeça.

— Nada por baixo das unhas, nenhum sinal de ter lutado. Imagino que tenha sido abordada por trás e dominada antes de ter a possibilidade de ripostar.

— E em relação a sémen? No corpo ou na roupa?

— Vai ter de perguntar à Meredith no que toca às roupas, mas, no corpo, não há nada, nem dentro, nem fora; aliás, não há sinais concretos de agressão sexual, como arranhões ou hematomas em redor dos genitais. Ela *era* sexualmente ativa, mas não teve relações nos dias, possivelmente semanas, anteriores à morte.

Helen tinha a mente às voltas. Haveria um namorado envolvido? Alguém com quem tivesse recentemente rompido? Alguém que se sentisse zangado e desprezado? Ou teria sido um ato aleatório de violência, uma jovem que se tornava vítima de um desconhecido, cruel e com motivações sexuais?

— Então, o agressor dela estava determinado a atacá-la, mas perdeu a coragem? Assustou-se?

— Diga-me a Helen, que é inspetora — ripostou Grievess, de modo provocatório.

Helen acusou o golpe, reconhecendo só para si que o título nunca tanto lhe parecera um fardo. Tanto derramamento de sangue, tanto sofrimento nos últimos tempos, e, no entanto, tão pouco que a ajudasse a avançar com o caso. Nos últimos tempos, Helen sentia-se a nadar com uma mão atada atrás das costas, afogando-se numa maré crescente de violência e brutalidade.

— Tenho mais umas coisitas para fazer — prosseguiu Grievess, no seu tom conciliatório — e se encontrar algo significativo, aviso-a. Só a quis pôr a par das minhas primeiras impressões.

— Obrigada, Jim, agradeço-lhe.

E agradecia mesmo. Mas nada disso a ajudava. A recordação dos pais devastados de Eve — a desolação e a agonia de ambos — ainda estava fresca na memória de Helen. Tratava-se de um caso que exigia ser desvendado, não só por Eve, mas também por quem ainda pudesse correr perigo devido àquele violento agressor, mas até agora

não tinham nada. Baixando o olhar para o rosto inocente da rapariga, Helen sentiu-se tomada pela culpa e pela tristeza — pela perda de tudo o que Eve poderia ter sido, de tudo aquilo em que poderia ter-se tornado.

Por uma vida jovem brutalmente aniquilada.

3

O isqueiro faiscou na sua mão, e depois apagou-se. Ele queria gritar, verter a sua ira e ansiedade, só que isso era impossível — a sua vítima jazia a poucos metros, dócil, mas perigosa. Se McManus despertasse agora, se desse luta ao seu agressor, haveria um único vencedor.

Voltou a tentar, fazendo o isqueiro clicar de forma ritmada, silenciosa e desesperadamente. Ainda assim, não ganhava vida, permanecendo inerte na sua mão. Não fazia sentido, comprara-o na véspera — estava cheio de combustível. Usara-o a caminho, para um derradeiro cigarro, e funcionara na perfeição. Então, qual era agora o problema? Sim, a sua mão tremia, mas por certo não o suficiente para perturbar o aparelho.

Voltou a tentar, de forma agressiva e persistente. O isqueiro voltou a fazer faísca, desta vez de modo mais encorajador, mas a chama extinguiu-se pouco antes de ganhar vida de vez. E, então, McManus remexeu-se, fungando e coçando o nariz, perturbado pelo *clique, clique, clique* do isqueiro. Estava a mexer-se, reposicionando o seu peso substancial no sofá de couro falso e já gasto, perturbando-o ainda mais. Um franzir de sobrolho, um tossicar e, depois, largando a garrafa de *bourbon*, que tombou no chão com um baque pesado. O seu corpo estremeceu, como se recobrasse a consciência. Não restavam dúvidas — estava prestes a acordar.

Tentando acalmar-se, o intruso olhou fixamente para o isqueiro, como se isso o fizesse funcionar. Pressionou a pequena roda metálica e fez força. Uma, duas, três vezes, e — miraculosamente — irrompeu uma chama. Uma chama intensa e forte. Soltou pesadamente o fôlego, sentindo a tensão abandonar-lhe o corpo, e não hesitou, erguendo

a chama até à garrafa de vidro que agarrava na mão esquerda. O trapo sujo, húmido e pesado, estava preso ao gargalo, ansioso por ser atizado. Levando-o com cuidado até à chama, observou atentamente o pavio improvisado a acender. O fogo ascendia pelo trapo na direção da gasolina que repousava no interior.

Recuando um passo, olhou para baixo, para o homem diante de si. As pálpebras tremiam, estava prestes a recobrar a consciência, pelo que, erguendo o braço, o intruso atirou a garrafa para o chão. Fragmentando-se contra o piso duro, explodiu em chamas, devorando avidamente o whisky derramado, o sofá velho, as roupas do homem. A ferocidade e o calor do fogo revelaram-se bem mais fortes do que imaginara, fazendo-o cambalear para trás, para longe da conflagração, temendo subitamente pela sua própria segurança.

Recuando, agarrou a maçaneta da porta, aliviado, abrindo-a totalmente. Prestes a atravessar a soleira — e a correr para longe o mais depressa possível —, algo semelhante a calma, um qualquer fragmento do seu plano, levou-o a deter-se. Recusando-se a olhar para a cena de horror que se desenrolava atrás de si, recompôs-se e baixou o braço até à chave que estava na fechadura. Então, movendo-se rápida e silenciosamente, abandonou a cabana, trancando a porta.

Saindo para o frio, apressou-se a descer os degraus, querendo desesperadamente afastar-se daquele lugar horrível. Foi quando um som vindo do interior da cabana em chamas o fez estacar.

Um único grito de agonia.

4

Percorria a viela a toda a velocidade, avidamente em busca do seu troféu. Um agente de olhar apurado detetara-o meia hora antes, e o sargento-inspetor Joseph Hudson reagiu sem perder tempo. Depois de correr para o parque de motos, galgou velozmente a cidade, determinado a ter algo que lhe valesse o dia.

O agente surgiu então à vista, de guarda junto ao *BMW* abandonado. Hudson estava convencido de que o carro teria sido esventrado e depois largado, e o seu instinto revelou-se certo. Ali estava a viatura de luxo que procurava, o orgulhoso símbolo de *status* pelo qual alguém se preparara para matar.

— Não lhe toquei — anunciou imediatamente o agente, assim que Hudson se aproximou. — Limitei-me a verificar a matrícula e a ligar.

— Obrigado, agente...?

— Atkins, inspetor.

— Muito bem, Atkins — reagiu Hudson, dando-lhe uma calorosa palmada no ombro. — Bom trabalho. Eu posso tratar do assunto a partir daqui.

O agente assentiu, agradado com o elogio, e partiu. Hudson viu-o afastar-se, grato por ter cultivado a relação com mais um «soldado raso». A seguir, incidiu a sua atenção na viatura abandonada.

Como seria de esperar, não estava trancada. Na verdade, nem estava fechada — a porta do condutor ficara aberta. Calçando um par de luvas, Hudson, abriu-a totalmente, agachando-se para espreitar para o interior. Tratava-se de um *BMW* série 5, com quatro anos, mas topo de gama, e, antes de ter sido roubado, teria um sistema de entretenimento e navegação de tecnologia de ponta a combinar com o interior de couro cosido à mão. Agora, todavia, estava um caos.

Visto do exterior, graças à sua vistosa pintura metálica e vidros fumados, ainda se revelava impressionante, mas, olhando para o interior tudo era muito diferente. Fora canibalizado — o ecrã fora arrancado, deixando fios pendurados; o apoio do braço central, removido, e até os manípulos cromados tinham sido levados. Admirou-se por ver os assentos de couro ainda no lugar, mas talvez o ladrão fosse um amante, ansioso por conseguir uns trocos rápidos. Se assim fosse, esperava que tivesse conseguido um bom preço. O custo fora elevado e o castigo seria severo.

O olhar de Hudson incidiu então nas manchas escuras existentes ao pé dos pedais e, a seguir, nas nódoas cor de ferrugem na janela. Até há dez dias, aquele automóvel de prestígio pertencera a Alison Burris, diretora administrativa do Hospital Pediátrico de Southampton. Fora um presente de aniversário extravagante dado pelo seu apaixonado marido, e era o seu orgulho e alegria. Ela estacionava sempre num parque de estacionamento discreto, a poucos quarteirões do hospital, e foi aí que se tornou um alvo numa quarta-feira à noite, pouco após a meia-noite.

Teria sido talvez tonto da parte dela ir a pé, sozinha e tão tarde, até ao parque de estacionamento, mas teria todas as razões para se sentir segura. Foi atacada por um assaltante de carros enquanto tentava rumar a casa. Seguiu-se uma luta — algumas das suas roupas foram rasgadas e foi-lhe arrancado um pedaço de cabelo —, tentando Burris fazer frente ao ladrão. Revelara-se uma má opção, acabando a jovem profissional por ser esfaqueada duas vezes no coração, antes de o agressor fugir com a viatura.

Alison foi encontrada por um homem de negócios pouco depois da meia-noite, mas por essa altura já ela estava morta. Hudson era o agente superior de investigação no local do crime e depressa juntou as peças. Ultimamente, tinha havido uma onda de roubos de carros de luxo em Southampton, mais uma frente na batalha contra o crime crescente na cidade, embora poucos se tivessem revelado tão violentos como este. Na morgue, ao agachar-se junto ao cadáver da pobre mulher, o olhar de Hudson fora atraído pelos ferimentos estreitos e cilíndricos na sua carne. Aguardava ainda pelo relatório *post mortem* — Jim Grieves tinha em mãos uma sobrecarga de cadáveres —, contudo, Hudson fazia já uma boa ideia de qual seria a causa da morte

de Burris. Fora atingida com uma chave de fendas afiada, cravada bem próximo do coração. Era uma forma terrível de morrer, e para quê? É certo que havia um fervilhante mercado negro de peças de automóvel em Southampton desde a recessão pós-COVID-19, mas, ainda assim, quanto teria recebido o ladrão pelas peças que levou? Cinco mil libras? Seis mil? Parecia ser um dividendo mesquinho, mas nestes tempos agitados talvez bastasse. Olhando para o interior vandalizado do carro, para as manchas de sangue na janela, Hudson pensou em algo que, ultimamente, se tornara extremamente claro.

Uma vida de pouco valia.

5

O olhar dele estava colado na cabana modular, paralisado pelo cenário que contemplava. Através dos estores finos, distinguia as chamas a chegar ao teto, desesperadas por saciarem o seu apetite por destruição. E mesmo sobre o estrepitar da madeira, do aglomerado e do plástico, ouvia os gritos.

Até então, nunca ouvira um homem gritar. No seu tipo de trabalho, não era algo com que se deparasse. E, certamente, nunca ouvira um homem gritar *daquela maneira*. Não soava a humano — era tão estridente, tão insistente, arrancado das profundezas do estômago. Era simultaneamente terrível e maravilhoso.

Ele seria a única testemunha dos últimos momentos de McManus, do extinguir de uma vida. Sim, devia ter-se ido logo embora, esgueirando-se pelos portões e desaparecendo na noite — seria o mais sensato. Mas teve de ficar, para garantir que o trabalho ficava feito. Havia muito em jogo para que se deixasse o que fosse ao acaso. Assim, manteve-se no local, observando a cena a partir do canto mais afastado do pátio, esperando que a gritaria cessasse, que a casa colapsasse sobre si mesma e que as chamas se erguessem para o céu noturno.

Assim que isso sucedesse, partiria. Assim que pudesse ter a *certeza*, afastar-se-ia o mais possível daquele lugar horrível. E, então, celebraria, feliz por não ter perdido a coragem, por ter feito o que era necessário. A dada altura, no futuro, era capaz de se arrepender, mas não para já. De momento, iria simplesmente congratular-se por um trabalho bem feito.

Desviando o olhar do local, deitou uma olhadela ao relógio. O *Omega* indicou-lhe impecavelmente que pouco passava das 23 horas — havia imenso tempo para chegar até onde precisava de estar, de modo a não

levantar suspeitas. Era essa a virtude de ter um plano, de tomar as devidas precauções, de fazer as coisas bem.

Um som mais violento levou-o a olhar para cima. Ali estava de novo — uma pancada pesada e repetitiva. E tomava consciência de outra coisa — a cabana parecia estar a tremer. Mas que raio se passava? Seria a estrutura do escritório finalmente a estalar de desgaste, estilhaçando-se sob o ataque maligno das chamas? E então, súbita e inesperadamente, obteve a sua resposta: a porta trancada escancarou-se e a forma inconfundível de Declan McManus tombou no solo coberto de mato.

Durante um momento, não conseguiu crer no que via. Nunca lhe passara pela cabeça que a sua vítima pudesse *sobreviver* ao ataque inicial das chamas, quanto mais que tivesse a força para escapar da cabana. Mas ali estava ele, estendido no chão, com as roupas ainda a arder, enorme. De imediato, o olhar do agressor incidiu numa ferramenta caída, uma chave de boca enferrujada que jazia ao lado da carcaça de um *Ford Mondeo*. Deveria pegar-lhe? Correr até ao homem e aplicar-lhe um golpe na cabeça? Estendeu o braço, mas a sua atenção foi de novo atraída para a sua vítima. E o que viu gelou-lhe o sangue.

McManus pusera-se de pé. Tropeçava, furioso e aos gritos, mas estava erguido. Naquele preciso momento, cambaleava para a frente, embatendo num velho chassis, apoiando-se em caixotes. Pelo caminho, ziguezagueando de obstáculo em obstáculo, deixou um rasto de chamas, fazendo com que as caixas abandonadas e o papel para embrulhar peças pegassem fogo à sua passagem. Era um cortejo grotesco e chocante, mas por certo não duraria muito. O homem estava a arder, por amor de Deus, em menos de nada teria de sucumbir aos ferimentos... Porém, seguiu em frente, cambaleando para longe da cabana, em busca de salvação.

Ele continuou a olhar, horrorizado, mas o pior estava para vir. McManus ia aos tropeções na direção do portão principal, mas, de repente, mudou de direção. Mesmo naquele sofrimento, o homem em chamas andava às voltas em busca de ajuda — de qualquer coisa, fosse o que fosse, que pudesse salvar-lhe a vida —, acabando por avistá-lo, ali, parado no pátio nas sombras, a fitar passivamente o seu tormento. Agora, McManus avançava diretamente na sua direção, acelerando a cada passo, lançando-se para a sua potencial salvação.

O homem arregalou os olhos ao sentir o vômito subir-lhe pela garganta. Nunca, nem nos seus piores pesadelos, imaginara algo assim. McManus continuava a ganhar impulso, avançando rapidamente na sua direção, com os braços em chamas estendidos, enquanto o fogo lhe consumia o cabelo, os membros, a pele. Ele sabia que devia virar as costas e fugir, escapar de um homem que subestimara tanto, mas, por algum motivo, manteve-se pregado ao chão. McManus estava a pouco mais de cinco metros, a quatro, a três. A qualquer momento, agarrar-se-ia ao seu agressor, prendendo-o num abraço agonizante. Então, porque não lhe obedeciam os pés? Porque continuava ali plantado, pacientemente à espera de ser lançado para o éter?

Sentiu lágrimas a formarem-se-lhe nos olhos e cerrou-os com força, preparando-se para o impacto. Então, sentiu uma golfada de ar, seguida por um pesado baque, e, abrindo ligeiramente os olhos, viu que o seu encorpado agressor colapsara de repente, caindo atabalhoadamente aos seus pés. Sentiu-se percorrido por uma onda de alívio, explodindo nos seus pulmões uma gargalhada aguda enquanto olhava para o homem contorcido. Nem queria acreditar — McManus atravessara todo o pátio para cair mesmo aos seus pés.

Mal dava para acreditar, mas a destruição ardente que deixara pelo pátio era o testemunho do seu espantoso avanço. E naquele momento, enquanto olhava para o caótico rasto deixado por ele, interiorizando as caixas e os embrulhos em chamas, viu o telhado da cabana a desabar, projetando faúlhas para o ar.

Em breve seria dado o alarme. Todo o pátio se incendiava, finos rastros de fumo ascendiam ao céu. Não podia demorar-se. Dando meia-volta, avançou na direção de um rasgão considerável na vedação de rede, espremendo-se para o atravessar e escapando rapidamente.

6

Ela abriu a porta e entrou. A sala de casos estava deserta, tal como Helen queria que estivesse. Necessitava de tempo para organizar os pensamentos, após a sua visita à morgue. Atravessando a divisão, e em vez de seguir para o seu gabinete, dirigiu-se ao quadro com os casos de homicídio. Aqui, eram expostas para análise imagens de vítimas e suspeitos, rodeadas por um emaranhado de suposições — linhas traçadas a marcador a unirem pessoas, pistas e teorias. Por norma, olhar para aquilo entusiasmava-a — conforme o quadro ia sendo preenchido, as diferentes peças do quebra-cabeças que correspondia à verdade encaixavam inexoravelmente —, mas, nessa noite, deixava-a com a sensação de ter sido esbofeteada.

Southampton era uma cidade vibrante, mas com a sua quota-parte de crime, pelo que era habitual haver em curso duas ou três investigações de casos graves. Presentemente, tinham quatro — quatro homicídios, nos quais não haviam alcançado progressos dignos de registo. Um assalto fatal em Ocean Village há três semanas, um roubo violento em Upper Shirley pouco tempo depois, um *carjacking* no centro da cidade e, claro, o recente homicídio de Eve Sutcliffe. Todos estes casos chegaram, ainda que de diferentes formas, a manchete dos jornais — a vítima do primeiro era mãe de dois filhos, o homem de meia-idade que enfrentou o assaltante era um milionário que alcançara a pulso a sua fortuna, a vítima de *carjacking* era uma jovem diretora do Serviço Nacional de Saúde, e, quanto a Eve, bem, era uma «oferenda» para os mercenários e vampiros dos tabloides, como Emilia Garanita, a jornalista local que usou as colunas do seu jornal para se alongar sobre a beleza de Eve, o seu talento, a sua tenra idade. A cada novo caso, a cada

nova manchete, a pressão intensificava-se um pouco mais, deixando Helen e a sua equipa sob um severo escrutínio.

O quadro da unidade de homicídios nunca se encontrara tão preenchido e, todavia, tão vazio — um ponto que Alan Peters, o superintendente-chefe, deixou bem vincado na sua mais recente visita à sala de casos. Helen era incapaz de recordar uma altura em que a cidade andasse tão febril, tão perigosa, mas não era difícil de perceber porquê: inúmeros negócios locais haviam fechado graças à COVID-19. O desemprego disparou, tal como os divórcios, a violência doméstica, o abuso de crianças e inúmeros outros crimes graves. Imperava uma percepção geral de medo, ira e até desespero na cidade, mas foi a recente série de homicídios o que tornou a situação mais evidente.

Os assaltos, os arrombamentos, o *carjacking* — tudo isso eram crimes económicos embrulhados em violência, perpetrada por aqueles que achavam que havia mais dinheiro a ganhar nas sombras, no mercado negro, do que no mundo comum do trabalho. Até o ataque a Eve Sutcliffe era uma prova do profundo legado desse declínio, tendo disparado os crimes sexuais e os crimes contra mulheres, pelas mãos de indivíduos impotentes e desesperados que descarregavam a sua fúria, rancor e desespero sobre os mais vulneráveis.

— Não é uma vista lá muito bonita, pois não?

Helen voltou-se, sentindo o corpo a retesar-se. Joseph Hudson entrara sem ela notar, encontrando-se mesmo atrás de si.

— Desculpa? — inquiriu Helen, aborrecida.

Hudson susteve por momentos o olhar de Helen, desfrutando do desconforto que nela via, fazendo então incidir a sua atenção nas variadas fotos no quadro dos homicídios.

— Toda esta dor, todo este sofrimento. E para quê? Uns trocos no bolso, um fugaz momento de prazer... — Abanou pesarosamente a cabeça, mas com um resquício de um sorriso nos lábios. — Até parece que deixaram de se aplicar as antigas regras — prosseguiu. — Decência, respeito, humanidade. Estamos num mundo do salve-se quem puder. Cada homem ou mulher, por si.

Hudson não olhava para ela, mas Helen percebeu bem onde ele queria chegar. Há uns meses, pusera fim ao relacionamento entre ambos, dando a indicar que poderia ser boa ideia Hudson abandonar a Esquadra Central de Southampton. Hudson aceitara muito mal tal

sugestão, deixando claro em várias ocasiões desde então que não fazia qualquer intenção de partir.

— Tem algo a reportar, sargento-inspetor Hudson? — reagiu Helen. — Ou veio aqui apenas para...

— Encontrámos o *BMW* da Alison Burris — interrompeu ele, avançando para o quadro dos homicídios. — Num beco mesmo ao pé de St. Mary's. Roubado, desmontado e abandonado, tal como disse que aconteceria. Pedi ao laboratório que desse uma vista de olhos por nós.

Pegando no marcador, Hudson anotou os pormenores no quadro, unindo este desenvolvimento com um traço grosso à fotografia da infeliz Burris.

— Pelo menos, um de nós está a fazer progressos, não?

Pousando de novo o marcador, sorriu amplamente a Helen, dirigindo-se então à porta.

— Não fiques até tarde, Helen. Tanto trabalho e nada de diversão...

Helen ficou a ver Hudson sair, lutando desesperadamente para não discutir com ele. Em circunstâncias normais, tê-lo-ia repreendido ali mesmo, mas estas *não eram* circunstâncias normais. A sargento-inspetora Charlie Brooks ainda estava de licença de maternidade, o que significava que Joseph Hudson continuava a ser o único agente superior de investigação em serviço. Tendo em conta a situação, tendo em conta a onda de crimes que presentemente assolava a cidade, Helen *tinha* de contar com ele, embora cada vez mais se incomodasse com o seu «contributo». Era frequentemente insubordinado, até hostil — algo que ela temia que o resto da equipa percebesse — e, pior, parecia apreciar profundamente o incómodo que lhe causava.

Ultimamente, começara a questionar-se se Hudson não estaria a trabalhar ativamente *contra* ela, apreciando os quadros dos homicídios vazios, as manchetes horríveis, a crescente pressão. Parecia ser uma ideia louca, o seu próprio sargento-inspetor a dificultar as investigações deles por pura maldade, mas era uma ideia da qual não conseguia libertar-se. Nos seus momentos mais sombrios, ponderava até se Hudson estaria a conspirar com Emilia Garanita — a espinhosa repórter que, ultimamente, parecia andar extremamente bem informada.

A verdade é que Helen nunca se sentira tão isolada e exposta. Cada novo dia parecia trazer novos problemas, em vez de soluções. A equipa olhava para si em busca de inspiração, de liderança, mas,

pela primeira vez, ela não sabia ao certo o que fazer. Nada parecia resultar, revelando-se os experimentados e testados princípios do policiamento moderno insuficientes, e a sua equipa sobrecarregada batalhava contra uma crescente vaga de crime na cidade.

Como sempre sucedia quando se posicionava diante dos quadros de homicídios, ansiou por encontrar padrões, pistas, linhas de investigação, por divisar uma rota clara para a justiça. Mas, essa noite, ao fitar o espaço vazio diante de si, viu apenas os rostos dos falecidos a fitarem-na de volta.

7

Ela puxou o cachecol para tapar a boca e o nariz, puxando depois o cordel do capuz com força. Passou cuidadosamente os dedos pela borda do tecido, verificando se o seu disfarce estava no sítio, e, aliviada por saber que nem a sua mãe a reconheceria assim vestida, saiu das sombras. Estava escondida nas escadas de acesso à cave há quase duas horas, à espera do momento ideal para aparecer. Por diversas vezes, aventurou-se até à rua, mas houve sempre algo que a fez deter-se — o ladrar de um cão, uma porta a bater e, o mais assustador, um casal a passar por lá. Estavam felizes — embriagados, risonhos, amorosos —, mas a sua súbita aparição fez o coração dela disparar.

Felizmente, o perigo passara, o casal afastara-se, alheio a tudo, mas ela não queria testar a sua sorte abusando da hospitalidade. Verificando nervosamente se a costa estava livre, subiu as escadas até ao passeio e, sempre agachada, atravessou a rua a correr, escondendo-se entre os carros estacionados do outro lado. Uma vez mais, voltou a hesitar, convencida de que algo ia correr mal — um vizinho intrometido ira vê-la, um polícia de giro faria a ronda —, mas Ashley Road estava silenciosa como um túmulo.

Consultou as horas — meia-noite e meia — e fixou o olhar na casa diante de si. Desde que chegara que a sua atenção se prendia no número 21, observando as idas e vindas — vultos em movimento atrás das cortinas, luzes que se acendiam e a apagavam-se antes de, por fim, a casa assentar numa escuridão pacífica. Há mais de três quartos de hora que não se via movimento, nenhum sinal de vida. Com sorte, os residentes estariam a dormir pacificamente, sem qualquer noção da maldade e do ódio à espreita no exterior.

Mais uma verificação rápida, varrendo as janelas superiores das casas vizinhas com o olhar, e, então, o vulto emergiu de detrás do carro estacionado, percorrendo o passeio e avançando rapidamente para os degraus da entrada. Lilah e Martin Hill não tinham cão, alarme, nem câmaras de videovigilância, mas, ainda assim, não deixava de se tratar de um momento particularmente perigoso. Tendo em conta tudo o que acontecera recentemente, quem poderia garantir que não estariam vigilantes? Que a porta não se abria de repente? Que não seria apanhada em flagrante?

Porém, não se verificava qualquer movimento no interior, nenhuma espécie de som, pelo que ela enfiou a mão no bolso e retirou a lata de aerossol. Agitando-a, apontou-a à porta e pressionou com força. De imediato, foi cuspidos um jato de tinta preta, arruinando a elegante porta cinzenta. A erupção sobressaltou-a, mas, recompondo-se, ela prosseguiu, traçando a primeira linha. Não era propriamente um esforço refinado, de aspeto desequilibrado e irregular, mas pelo menos era claro. Ela prosseguiu, traçando a segunda linha com um movimento violento do braço.

Começava a apanhar-lhe o jeito, ganhando confiança a cada segundo, movendo-se de forma ágil e suave. Estava a chegar ao fim da porta, pelo que apontou a tinta à parede branca e, a seguir, à janela da sala de estar, desenhando habilmente o símbolo vil. O desenho estava agora quase completo. Recuou, avaliando o que tinha feito até ao momento, e terminou a sua obra com um floreado sinistro.

Toda a operação levava menos de um minuto, mas, ainda assim, ficara sem fôlego, parada diante da sua obra e sentindo a adrenalina a percorrer-lhe o corpo. Alcançara o seu objetivo, vandalizando a bela casa geminada, mas seria capaz de partir sem ser detetada ou, pior, posta à prova? Guardando o spray de aerossol de novo no bolso, desceu apressadamente os degraus e afastou-se.

Não se atreveu a olhar para trás, não teve coragem de ver se Lilah ou Martin estariam naquele preciso momento a abrir a porta da entrada e a correr atrás dela. Nunca fizera nada assim, certa de que fracassaria... Contudo, cada passo seu a colocava mais próxima da segurança.

Já se afastara uns cinquenta metros da casa, talvez mais. Mesmo que alguém a interpelasse agora, poderia ter a certeza de que era ela a culpada? Só uma revista corporal poderia revelá-lo — mais uma boa

razão para se livrar o mais depressa possível da lata de spray que a denunciava.

Aproximava-se do fundo da rua. Assim que regressasse à via principal, misturando-se na multidão, sentir-se-ia mais descansada. Percorrendo os últimos metros em poucos segundos, cruzou rapidamente a esquina para uma derradeira corrida rumo à liberdade. Mas, precisamente quando ia a fazê-lo, um uivo ensurdecedor deteve o seu avanço.

Sirenes. Ouvia sirenes, próximas e insistentes. Não era possível — como é que podiam ter chegado tão depressa? Estaria alguém a observá-la, escondido atrás das cortinas, a ligar discretamente para a polícia enquanto observava o ato de vandalismo cometido por ela? Achou que tinha sido extremamente cuidadosa e cautelosa. Acabaria tudo antes sequer de ter começado?

As sirenes soavam cada vez mais alto, mas ela permaneceu imóvel. Paralisada pela incerteza, sem saber o que fazer. As viaturas aproximavam-se, estavam quase em cima dela, o seu uivo implacável soava cada vez alto. Então, tomada pelo instinto, lançou-se para trás, para as sombras, escondendo o rosto com o braço, no preciso momento em que um par de viaturas dos bombeiros passava a grande velocidade diante de si.

Ter-se-ia rido às gargalhadas, se não se sentisse tão assustada. Ofegante, observou os velozes veículos dos bombeiros a diminuírem na distância, acabando por desaparecer. Só então saiu das sombras, girando sobre os calcanhares e correndo pela rua como se a sua sobrevivência disso dependesse.

8

Atravessou suavemente o piso macio de madeira, desfrutando da calma sepulcral daquele lugar silencioso. Helen não se demorara no gabinete depois do seu encontro com Joseph Hudson, estando demasiado irritada e perturbada para conseguir trabalhar. Em vez disso, fora para o seu apartamento.

Joseph Hudson passara lá muito tempo durante o breve romance que tinham tido — na cozinha, na sala de estar, na cama. Os relacionamentos entre polícias faziam franzir muitos sobrolhos, pelo que haviam mantido a relação em segredo, maioritariamente entre aquelas quatro paredes. No entanto, as marcas de Hudson no seu apartamento e, na verdade, no seu coração eram mínimas, sendo que Helen conseguira apagar com sucesso qualquer vestígio que tivesse restado — o que significava que o apartamento era ainda o único lugar onde conseguia relaxar, onde conseguia encontrar efetivamente alguma paz.

Todavia, o seu telemóvel começou a tocar assim que se sentou no sofá. O comando do televisor encontrava-se ainda na sua mão, a apontar em vão para o ecrã negro. Helen atirou-o para o lado, pegando no aparelho. Para seu alívio, era apenas a sua superior imediata, a superintendente Grace Simmons.

— Acordada tão tarde, chefe?

— Não consigo dormir. E esquece lá o «chefe». Até parece que tenho 80 anos.

— Desculpa.

— Embora, no estado em que me encontro, até possa ser verdade... — brincou Simmons, sem fôlego, antes de mudar de registo. — Bem, como é que estás? Desculpa não ter aparecido hoje, mas queria apenas saber como é que estás a avançar.

— Lentamente, mas a ir...

Helen teria adorado dar melhores notícias à sua amiga e mentora, mas de nada valia estar a alimentar falsas esperanças. Na realidade, não tinham avançado nada desde essa manhã, mas, ainda assim, Helen ficou contente por ela ter ligado. Grace Simmons era atualmente uma presença intermitente na Esquadra Central de Southampton, mas continuava a ser uma forte amiga e aliada.

— Temos tantas linhas de investigação em curso que, sinceramente, a nossa presença no terreno neste momento é escassa. A minha eterna esperança é que a Charlie se farte de trocar fraldas e regresse ao ativo...

— Estou a tentar que tenhas uns reforços. Mas já sabes como é o Peters, sempre de olho nos tostões.

— Nós desenrascamo-nos — assegurou-lhe Helen. — Só estamos a precisar de alguma coisa que nos dê um empurrãozinho.

Isso era apenas parcialmente verdade. Havia muito mais que Helen *poderia* ter partilhado com a sua chefe — os seus problemas com Hudson, uma crescente sensação de descontentamento no seio da equipa —, mas ainda não se sentia preparada para o confessar.

— Bem, confio totalmente em ti — reagiu Simmons, calorosamente. — Se há alguém capaz de o fazer, és tu.

A superintendente Simmons desligou a chamada pouco depois, deixando Helen a sós com os seus pensamentos. A breve conversa servira para animá-la, mas sabia que não bastaria para a descontraír. Os seus receios e ansiedade voltavam a importuná-la, uma e outra vez. Esquecendo a televisão, encaminhou-se para a cozinha para ir buscar um copo de água, antes de rumar à sua pequena varanda.

O seu apartamento ficava no último piso, proporcionando-lhe uma bela vista sobre a cidade. Era frequente Helen terminar ali as suas noites, permitindo que a brisa morna a reconfortasse, enquanto escutava o som abafado do tráfego marítimo no Solent. Southampton era uma cidade ruidosa, mas noites como esta podiam ser muito sossegadas, até relaxantes, um tónico necessário após um dia de labuta.

Agarrando-se ao parapeito da varanda, Helen olhou para a cidade, sinistramente bela sob o brilho da lua cheia. O vento soprava com força, o ar quente cercava-a e, numa situação normal, teria dado as boas-vindas ao seu calor. Mas naquela noite, a brisa transportava na

sua direção um som perturbador: sirenes. Escutando com atenção, Helen orientou-se, rodando lentamente na direção do som. E foi então que o viu. Não aquilo com que contava — um conjunto de luzes a acelerar pelas ruas —, mas algo muito mais alarmante. Pois mesmo àquela hora já avançada da noite, na meia-luz prateada, Helen conseguia distingui-la: uma enorme coluna de fumo a erguer-se para o céu noturno.

«VERDADEIRAMENTE EXCECIONAL.»

The Sun

A cidade de Southampton vê-se a braços com uma onda de crimes violentos sem precedentes. Fogo posto num ferro-velho. Um assalto a um carro que termina em tragédia. Um homicídio num dos parques da cidade. A polícia tenta alcançar respostas a todo o custo, mas, sem pistas, parece ser impossível descobrir o que liga todos estes casos.




Para a inspetora Helen Grace, no entanto, os problemas estão apenas a começar: dentro da própria esquadra, os obstáculos acumulam-se, deitando por terra qualquer avanço nas investigações, ao mesmo tempo que a pressão sobre si não para de aumentar — e quando as peças do puzzle se começam a encaixar, revelando uma hábil e perversa teia de crimes, a inspetora Grace vê-se obrigada a enfrentar algo que talvez seja impossível de travar...

Conheça a série *Helen Grace*:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Thriller

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789895649464



9 789895 649464 >